

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
24 de Março de 2022
JEAN-DANIEL POLLET – A MATÉRIA DO MUNDO

LE SOLEIL ET L'OMBRE: POUR NIKO KAZANTZAKIS / 1966

Argumento e montagem: Jean-Daniel Pollet / *Diretor de fotografia (16 mm, preto & branco):* Jean-Daniel Pollet e Jacques Taroni / *Som:* Séverin Frankiel / *Com as presenças de:* Maurice Ronet (que também faz a narração em *off*), Elena Kazantzakis, Georges Candilis, Ado Kyrou, Mimica Krazak, Piotr Kowalski e outros.

Produção: ORTF (rádio-televisão francesa), para o programa “Lire” / *Cópia:* digital (transcrita do original em 16 mm), versão original com legendas em francês para as passagens em grego e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 60 minutos / *Estreia mundial:* televisão francesa, 1967, em dia e mês não identificados, porém posteriores a Abril / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**L'ARBRE ET LE SOLEIL:
MAS-FELIPE DELAVOUËT ET SON PAYS / 1991**

Argumento: Jean-Daniel Pollet / *Diretor de fotografia (16 mm, cor):* Alain Levent / *Música:* trechos de Beethoven / *Montagem:* Françoise Geissler / *Som:* François Bel / *Com a presença de:* Mas-Felipe Delavouët.

Produção: Ilios Films; La Sept/Arte; FR-3 Océaniques / *Cópia:* digital (transcrita do original em vídeo), versão original com legendas em francês para algumas passagens em provençal e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 76 minutos / *Estreia mundial:* FR-3, televisão francesa, 14 de Setembro de 1992 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: algumas passagens do filme, faladas em provençal não estão legendadas em francês e, por conseguinte, também não estão legendadas em português

Filmes de Jean-Daniel Pollet

Este programa, cuja coerência vem do facto de ser composto por dois filmes sobre escritores, ilustra também enormes diferenças na maneira como Jean-Daniel aborda este “tema”, o que tem diversas razões, independentemente do facto de Pollet nunca se ter fixado uma fórmula (basta rever **Dieu Sait Quoi**, outro filme sobre um escritor, cujo dispositivo formal também é diferente do dos filmes desta sessão). Vinte e cinco anos decorreram entre **Le Soleil e l'Ombre** e **L'Arbre et le Soleil** – no título dos dois filmes há a palavra *sol* com todas as suas conotações – e uma das mudanças técnicas ocorridas neste quarto de século foi a substituição, na televisão, do suporte no qual o primeiro trabalho foi feito, a película em 16 mm, pelo vídeo. A mediocridade da imagem em vídeo “sabota” parcialmente **L'Arbre et le Soleil**, primeiro filme realizado por Pollet depois do terrível acidente que quase o matara dois anos antes. Todo o filme é situado no espaço onde vive e trabalha Mas-Felipe Davouët, o campo provençal, e Pollet contrapõe constantemente as intervenções do poeta, filmadas em grande plano e a paisagem que o cerca, os campos, o seu jardim, a Montagne Sainte-Victoire, tantas vezes pintada por Cézanne. Mas a falta de densidade e de nitidez inerente à imagem em vídeo (agravadas pelo facto de ser o suporte de imagem que menos bem se conserva) tira deste entorno geográfico, tão importante na vida e na obra do retratado - o seu *pays*, no sentido de região ou aldeia natal, não de nação - a força e o peso que Pollet certamente lhes quis dar, reduzindo-o a uma mancha esbatida. Outra diferença fundamental é que o filme sobre Niko Kazantzakis aborda um escritor já morto, conhecido e reconhecido internacionalmente através de dois dos seus livros (*O Cristo Recrucificado* e *Zorba, o Grego*, então recentemente adaptado para o cinema num filme de êxito mundial, que aumentara o seu renome), ao passo que Delavouët era e continua a ser um escritor muito pouco conhecido, por motivos evidentes: praticava a poesia, o menos lido dos géneros literários, publicava os seus livros em edições limitadíssimas e, sobretudo, escrevia em provençal, uma língua com altas, antigas e ilustres tradições literárias, porém uma língua regional. No primeiro filme, Pollet aborda a obra de um

escritor que ele conhecia e a sua vida através daqueles que o tinham conhecido; no segundo, um homem fala de si mesmo, ainda que só fale da sua obra. Por todos estes motivos, o dispositivo formal dos dois filmes é muito diferente. A existência de ambos prova que, a tantos anos de intervalo, havia espaço na televisão francesa para documentários de qualidade sobre a “cultura alta”, nos quais Pollet evita todos os clichés formais televisivos.

No genérico de **Le Soleil e l’Ombre: Pour Niko Kazantzakis** um intertítulo previne que o filme “*foi feito antes dos recentes acontecimentos na Grécia*”, ou seja, o “golpe dos coronéis” que em Abril de 1967 instalou um repressivo regime de extrema-direita que duraria sete anos. O genérico também indica que o filme é dividido em dez capítulos, mencionados a alta velocidade, que possivelmente não foram preestabelecidos, emergiram do material filmado. Sem nunca assumir uma postura didática, Pollet consegue abordar com uma arte consumada quatro aspectos fundamentais do tema que aborda: o homem Kazantzakis; a sua obra; o povo grego; a Grécia atual e a Grécia mítica, da Antiguidade. Tratando-se de um filme sobre um escritor tudo começa por um livro, o ensaio *Ascese*, de que Maurice Ronet lê trechos, alternadamente em *on* (*alter ego* do espectador) e em *off* (*alter ego* do autor). E a cada vez que ouvimos a voz do escritor, Pollet mostra a banda magnética sobre a qual fora gravada, não como uma voz vinda do além, mas como uma voz presente, daqui. As imagens do funeral de Kazantzakis, em 1957, adquirem mais peso quando sabemos que foi um ato de resistência e dissidência, quase uma heresia, pois ele fora excomungado pela Igreja Ortodoxa e não pôde ser enterrado em terra consagrada (seria cremado, cumprindo a sua vontade). A sua obra não é evocada numa série de entrevistas em montagem alternada, como viria a ser execrável hábito na televisão, mas através de uma conversa entre intelectuais gregos instalados em Paris, como Georges Candilis e Ado Kyrou, ao passo que o homem é evocado pela sua mulher mas sobretudo por contemporâneos e contemporâneos seus, numa aldeia cretense, o que é uma maneira de trazer as classes populares gregas, da qual ele era originário, para o filme (Elena Kazantzakis evoca a “*extrema generosidade*” daquelas pessoas). Estas figuras, arquitetos, escritores ou pastores, são a Grécia contemporânea, a Grécia da primeira metade do século XX na qual viveu o escritor, sobre a qual paira a Grécia ideal, mítica, da Antiguidade - materializada na visão do templo de Apolo em Bassas, tema de **Bassae** de Pollet, realizado dois anos antes - tão diferente e no entanto tão presente, ao mesmo tempo morta e familiar: “*a Grécia moderna é esmagada pela Grécia antiga, mas sem ruptura*”, diz a voz do escritor, cujas palavras finais no filme evocam o importância “*não da conquista do bem, mas do assalto para a conquista do bem*”.

Embora originário do norte de França e parisiense pela sua educação, Jean-Daniel Pollet tinha laços extremamente fortes com o sul do seu país, onde se instalou nos seus últimos anos e onde morreu. E Max-Philippe/Mas Felipe Delavouët (1920-90) era um homem profundamente enraizado na sua região natal, de onde nunca se afastou e durante toda a vida foi cultivador de terras e homem de letras (autor e editor). Jamais procurou a notoriedade e é sobre a sua falta de notoriedade, exceto entre especialistas e leitores de ponta, que paradoxalmente escandaliza Pollet, que o filme começa. Convencido de que “*o artista lê a realidade, não a fabrica*”, Delavouët tem uma longa conversa consigo mesmo e com o espectador, num auto-retrato falado. Pollet faz-nos ouvir trechos de poemas seus, omitindo as legendas em algumas passagens, fazendo-nos ouvir como pura música a língua provençal, que nunca deixou de ser uma língua culta desde que Frédéric Mistral reabilitou a antiga *langue d’oc* em meados do século XIX.

Antonio Rodrigues